

RONI WASIRY GUARÁ

CANOADAS À MEIA-NOITE



ILUSTRAÇÕES POR
**FERNANDO
ZENSHÔ**

edelbra

1ª EDIÇÃO, 1ª IMPRESSÃO, 2025

AUTOR

Roni Wasiry Guará

ILUSTRAÇÕES

Fernando Zenshō

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Luísa Fantinel

DIREÇÃO EDITORIAL

Alessandra De Lazzari

EDIÇÃO

Camila Garcia Kieling

REVISÃO

Ana Wehr

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Guará, Roni Wasiry

Canoadas à meia-noite / Roni Wasiry Guará ;

ilustrações por Fernando Zenshō. -- 2. ed. --

Porto Alegre, RS : Edelbra, 2025.

ISBN 978-65-5750-162-7 (brochura)

ISBN 978-65-5750-163-4 (capa dura)

1. Povos indígenas - Brasil - Literatura
infantojuvenil I. Zenshō, Fernando. II. Título.

25-296522.0 (brochura)

CDD-028.5

25-296524.0 (capa dura)

ELIETE MARQUES DA SILVA - BIBLIOTECÁRIA - CRB-8/9380

edelbra

EDELBRA | WWW.EDELBRA.COM.BR

CENTRAL DE ATENDIMENTO | 51 2118 4404 |

CAE@EDELBRA.COM.BR

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Indústria de Livros Ltda.



VENTO FRIO DA MATA deixava a boca da noite mais agradável. Todos já estavam deitados, e as redes, colocadas uma ao lado da outra, eram um costume antigo: assim, os olhos que andam na escuridão não causariam maldade a ninguém naquela que era a última parada em uma casa antes da grande viagem que estávamos iniciando.

O mais velho entre nós contava histórias, falava sobre o nosso objetivo, que era chegar ao lugar guardado em segredo pelos anciãos de nosso povo, aonde só se chegava observando o céu, decifrando o mapa desenhado no caminhar das estrelas e guardado na alma daqueles que foram agraciados, em um distante passado, com o convite perpetuado por nossa tradição, o mesmo que nos fazia estar ali naquela noite.





A cada geração de guerreiros, não importando se de arco e flecha, da pesca, da agricultura, dos saberes e segredos das plantas, ou das histórias, era escolhido, por família, um representante para que, juntos, trilhassem as aventuras do caminho misterioso ao lugar onde se guardava o segredo das duras e brilhantes pedras, chamadas de sementes das estrelas.

Os clãs apresentavam seus indicados durante uma grande festa na aldeia. Era um momento difícil para os guerreiros, porque ser aceito para a jornada em busca desse segredo de nosso povo era uma honra. E, dessa vez, quando terminou a cerimônia, nossa equipe tinha algo de diferente das anteriores.

Os anciãos inovaram em duas inusitadas escolhas: a de Anahí, guerreira dos cabelos banhados de céu estrelado, conhecedora dos segredos das ervas, que seria a primeira mulher a participar de uma expedição; e a de um Wasiry, guerreiro das letras, que, por muito tempo, vivia na cidade. Havia, ainda,

Pagu, guerreiro das caças; Bindá, da agricultura; Padruca, da pesca; e o avô mais velho, Baharii, o último guardião ainda vivo.

Viagem iniciada, deixamos para trás a comunidade e seguimos rio acima, parando nos pontos onde havia abrigos. Uma dessas paradas foi provocada por uma fina chuva. Aproveitamos para dormir ali mesmo, esperando que os sonhos viessem moldar nossos destinos.

Na madrugada, um típico barulho despertou todos. A chuva havia cessado, e Pagu já ralava o pau de guaraná, energético tradicional indígena. Começamos a tirar as redes e a arrumar toda a bagulhada, colocando-as nas canoas para seguir viagem.

Duas canoas grandes serviam de transporte para nós, nossas guarnições e nossos equipamentos. Um casco menor, preso a uma das canoas, era o apoio para uma saída rápida caso fosse necessário. Levávamos farinha, beiju, temperos, um tanto de piracuí, uns agasalhos, três espingardas, redes, facões e alguns utensílios de pesca.





O imponente Péua era o rio-estrada que nos conduzia, sublime em suas curvas e cabeceiras. Nossa tarefa era remar e remar nas suas fortes correntezas, lançar o remo nas águas até chegar às pedras pintadas que marcavam o início do rio chamado Puku, rio espinhento, que tinha sua identidade nas inúmeras árvores de pupunheiras às suas margens.

A partir daí, seguiríamos guiados pelo mapa desenhado no céu, por rios aos quais não dávamos nomes, para que de nenhuma forma nos apegássemos a eles. Assim, apenas dávamos referências, tipo aquele da árvore na boca, ou o que tem o aningal, o das embaúbas, o das pedras. Enfim, eram os rios sem nomes, fixados apenas nos mapas da memória.

Com braços que moviam os remos, numa viagem cheia de novidades, deixávamos que o rio nos conduzisse até os molongosais, a floresta que tem a maior parte das árvores debaixo d'água. Nela, inúmeros cardumes de tucunarés, charutos, matrinxãs, espocados de pirarucu nos acompanhavam junto ao estreito

igarapé desenhado por entre os arbustos. Nas encostas do rio, todo tipo de canto e som produzido pelos animais e aves se mostrava como em uma orquestra afinada, sonora, pura harmonia, melodia que acalmava o espírito.

Logo o dia se foi, e precisamos nos abrigar para passar a noite.

— Vamos abrir uma clareira em meio às árvores. Bindá e Padruca fazem os muitás para a proteção à noite — disse Baharíí.

— Vamos pegar bastante lenha. Em floresta desconhecida, temos que estar preparados — disse Pagu.

Junto ao ponto que tínhamos aberto, em meio aos jaurizeiros que jogavam fruto maduro, o velho Baharíí físgou um enorme tucunaré amarelo e dois tracajás. O jantar estava garantido.

Fizemos a fogueira bem no centro do acampamento, cozinhamos o peixe — caldeirada com cebolinha e bastante coentro, farinha e caldo verde —, jantamos e nos sentamos em círculo para ouvir as histórias do momento. Falamos da empreitada, das

coisas inusitadas, do cansaço, das dores do esforço nas etapas da viagem.

O velho avô, que até então só ouvia, nos alimentou com sabedoria.

— Filhos, nós todos somos feitos de fases, e entendam que nem todas são boas, mas, acreditem, todas são necessárias.

Após longas horas de percurso — cinco dias de viagem para sermos exatos —, já estávamos meio estressados, principalmente eu, que tinha adquirido o hábito da pressa pelo tempo de vida na cidade, onde tudo é urgente. Mas Baharí mantinha a calma que lhe era peculiar. E nós, os mais novos, ficávamos sempre cobrando.

— Ainda está longe?

— Nossa, não aguento mais! Quero logo chegar a esse lugar e ver esse tal segredo.

— Será que ficaremos ricos? Quem sabe comprar muitas coisas, uma casa grande na cidade com tudo novo?

— Um barco, uma voadeira, roupas, relógios, telefones.

Anahí era a única que apenas sorria. Por que será que se mantinha calada, apenas

sorrindo vez por outra? Talvez conhecesse algo mais além do segredo das ervas.

Tudo que falávamos parecia atingir o velho avô como se fosse uma flecha em seu coração. Depois de muito ouvir, ele cantou umas palavras certas em nosso espírito.

— Nossa viagem é de tradição, é pra despertar a sabedoria que vive dentro de vocês e que parece estar adormecida, pra abrir os seus olhos espirituais, os que viajam por outros mundos.

— Como assim, vovô? Eu não entendi direito — disse eu, que parecia falar por todos os outros primos ali.

— Meus netos, vejo que vocês já olham o mundo com o olhar do povo da cidade, aquele que só vê o uso das coisas em benefício próprio. Só quer riquezas materiais e, com isso, pisa, destrói o que há de mais sagrado, esquecendo o sentimento de ser bom.

Estávamos falando bobagens, e ele sabia nos trazer de volta à tradição ensinada em nossas comunidades. Falava e nos atingia no lugar certo.



CINCO JOVENS GUERREIROS INDÍGENAS DA ETNIA

Maraguá, povo das águas, partem em expedição para um local secreto em busca das “sementes das estrelas”. Guiados pelo céu e pela sabedoria de um ancião, eles enfrentam desafios e aprendem sobre os significados de ter, ser, saber e pertencer.

Será que eles conseguirão desvendar o segredo das pedras brilhantes e manter viva a sua cultura?



9 786557 501207

edelbra